

# Modos, formas e métodos de compor o biográfico

*Modes, forms and methods of composing a biography*

Em 2021, Alexandre de Sá Avelar (UFU), Francisco Palomanes Martinho (USP), Márcia de Almeida Gonçalves (Uerj), Maria da Glória de Oliveira (UFRRJ) e Wilton Silva (Unesp-Assis) submeteram ao CNPq, através da Chamada CNPq/MCTI/FNDCT nº 18/2021, o projeto intitulado *Tessituras do biográfico: modos de pensar, fazer e ensinar*. O objetivo era a realização de pesquisas, encontros e debates acerca da relação entre História e biografia. Ele foi contemplado (processo 406972/2021-4) e teve início em março de 2022. Além das historiadoras e dos historiadores que apresentaram a demanda ao CNPq, participaram de forma direta ou indireta estudantes de iniciação científica, mestrado e doutorado. Em conjunto com as pesquisas individuais e os encontros do grupo, procurou-se estabelecer um contato permanente com colegas que partilhavam os mesmos temas. Com especial destaque para dois eventos: primeiro, o 32º Encontro Nacional de História da Anpuh, realizado em julho de 2024, em São Luís-Maranhão, e no qual Márcia Gonçalves e Wilton Silva coordenaram o simpósio temático Trajetórias e (auto)biografias: modelos, limites, desafios e possibilidades; segundo, o seminário *Tessituras do biográfico*, ocorrido na Uerj, no Rio de Janeiro, em junho de 2025. Além das/os docentes vinculadas/os diretamente à pesquisa, tomaram parte no evento os professores Benito Bisso Schmidt (UFRGS) e Daniel Aarão Reis Filho (UFF), e as doutorandas Andrea Camila Fernandes (Uerj) e Thaís França Guimarães (UFRRJ). Os artigos selecionados para este ao dossiê foram, originariamente, apresentados e debatidos nesse encontro. Infelizmente, por motivos profissionais e pessoais, Márcia de Almeida Gonçalves e Maria da Glória de Oliveira não puderam entregar os seus textos.

Os artigos aqui publicados compõem um mosaico de temas que, por um lado, indicam possibilidades várias de se trabalhar com o biográfico; por outro, eles abrem igualmente desafios e dúvidas que são inerentes a qualquer investigação acadêmica. Alexandre Avelar, em "Biografia e temporalidade", ao problematizar a ideia de contexto histórico, mobiliza os conceitos de biografia inatural e evento, ao passo que desenvolve uma reflexão crítica a respeito dos sistemas normativos que presidem o olhar sobre o sujeito. Daniel Aarão Reis, autor de "Biografias e autobiografias: a trajetória de revolucionários sob a ótica da História Social", analisa o biográfico a partir de suas experiências como biógrafo e como autobiógrafo. Na escolha de personagens ligados à esquerda revolucionária, incluindo a si próprio, ele propõe a constituição de relatos alternativos tanto às tentações hagiográficas quanto condenatórias dos indivíduos com experiência na militância política. Thaís França Guimarães, em "A escrita biográfica de Lucien Febvre: *ceci n'est pas une biographie?*", avalia a presença do

biográfico em três obras de um historiador formalmente não filiado ao gênero. O que leva a autora a questionar-se acerca das razões que o fizeram afirmar a ausência da biografia em estudos em que ela se fazia presente. Andréa Camila Fernandes procura, em “Antônio Gonçalves Dias: projetos e narrativas na construção de um poeta nacional”, questionar as narrativas dedicadas à vida do poeta maranhense; narrativas essas empenhadas na constituição de um suposto ideário nacionalista.

Já Benito Schmidt analisa a construção biográfica a partir de um enredo de escola de samba em “Uma biografia na Passarela do Samba: o desfile da Paraíso do Tuiuti e a história de Xica Manicongo desde uma perspectiva temporal *queer* (2025)”. O autor demonstra como um enredo com tal temática, tanto reflete sobre o passado como intervém no presente e projeta um discurso biográfico capaz de romper com as formatações lineares do tempo histórico. Wilton Silva, em “Proletário do espírito e doutor de sonhos: Gastão Pereira da Silva (1898-1987) e a *Psychanalyse dos sonhos* (1935-1937)” traz um relato biográfico de um médico que, divulgador da psicanálise pelo rádio, terminou condenado ao apagamento por parte da historiografia da psicologia no Brasil. Apesar de sua grande visibilidade à época, ou talvez por isso, Gastão Pereira terá se transformado em estigma pelos cânones formais do assim chamado “conhecimento científico”. Por último, Francisco Martinho, também envereda por uma narrativa biográfica em “Amália Rodrigues, *¿una cantante ibérica?*”, na qual preocupa-se em refletir sobre as discussões acerca das representações da fadista portuguesa no universo de dois regimes políticos marcadamente autoritários e nacionalistas.

Os trabalhos aqui disponibilizados obedecem, cada um deles, a orientações distintas. Ao mesmo tempo, eles se entrelaçam, se aproximam e se afastam como que numa tessitura em permanente movimento. Uma tessitura desafiadora que, esperamos, possa provocar novas composições do biográfico.

*Francisco Carlos Palomanes Martinho*  
Organizador do dossiê